

## REPORTAGEM ESPECIAL

Governo federal abriu 11 novas escolas, mas dificuldades com as licitações atrapalham a conclusão dos prédios

# IFES: O SONHO QUE FICOU PELO CAMINHO

BERNARDO COUTINHO



Em Ibatiba, na divisa com Minas Gerais, o prédio foi inaugurado, e as aulas de um curso foram iniciadas neste ano, mesmo não havendo estrutura completa

MAURÍLIO MENDONÇA  
mgomes@redgazeta.com.br

O nome é pomposo – Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Superior e Profissional –, e o objetivo, ambicioso: nas palavras da presidente Dilma Rousseff, “garantir educação profissional de qualidade aos brasileiros de todas as regiões.” O processo, iniciado no governo Lula, prevê 562 Institutos Federais no Brasil até 2014. Por aqui, o Ifes já tem 17 campi inaugurados e em funcionamento; pelo menos em tese.

O sonho de expandir horizontes e ampliar a

chance de emprego para milhares de jovens, no entanto, corre o risco de naufragar diante da realidade, bem menos dourada: 12 dos 17 campi do Estado sofrem com problemas de estrutura. São prédios inaugurados, mas não prontos; falta de professores, de laboratórios e bibliotecas.

## DIFICULDADES

O próprio reitor do Ifes, Denio Rebello Arantes – que administra todos os campi no Estado – admite que essa situação pode afetar a formação do aluno. Mas ressalta que esses pro-

blemas fazem parte de um plano de expansão. “Poderíamos optar por inaugurarlos quando estivessem prontos, mas não é a melhor solução”, assinala.

Parte dessas dificuldades, segundo o diretor do Ifes de Guarapari, Ronaldo Neves Cruz, são provocadas pelo cumprimento de prazos dos processos de licitação – necessários para a contratação de obras e até para a instalação de equipamentos. “Não há como fugir dos prazos previstos em lei e dos contratemplos. Mas nada disso tem inviabilizado a qualidade do

“Às vezes é ruim não ter biblioteca ou laboratório. Mas o ensino é ótimo, e isso compensa”

KELLEN OLIVEIRA DIAS  
15 ANOS, ESTUDANTE

ensino”, afirma.

## PRECARIIDADE

Não é preciso ir longe para constatar a precariedade: o campus de Vila Velha, por exemplo, inaugurado em 2010, não é usado. É um prédio pronto só por fora. Está rodeado de mato, o que prova o abandono. E, por lá, só se ouve o silêncio: os alunos vão para Vitória para ter aula.

Cenário que só deve começar a mudar a partir de 2012, quando o prédio acadêmico ficará pronto, assinala Denio. São situações como essa que andam

preocupam o Sindicato dos professores e técnicos administrativos do Ifes (Sinasefe-Ifes).

Reginaldo Flexa Nunes, um dos coordenadores do sindicato, destaca que a demora nas obras de Vila Velha estão sobrecarregando a unidade da Capital. “Temos receio de perder o nosso bem maior, a qualidade do ensino”, frisa.

Uma preocupação que se estende também a Cariacica, onde os alunos permanecem em uma escola fundamental, doada pela prefeitura, enquanto a obra do novo prédio – que já dura mais

FÁBIO VICENTINI



O prédio do campus de Vila Velha foi inaugurado em novembro de 2010, mas ainda não foi concluído e dá sinais de abandono. Os alunos têm aula em Vitória

**PESSOAL**

**1 mil**

**professores**  
Atuam nos 17 campi do IFES, hoje, com 750 técnicos administrativos

**200**

**professores**  
E mais 80 técnicos administrativos serão contratados, para 2012

**PROMESSA**

“Com a terceira etapa chegamos a todas as microrregiões. Vamos ajudar e alavancar o Estado econômica e socialmente, mesmo com os problemas no início desse projeto”

**DENIO REBELLO ARANTES**, reitor do IFES

de três anos – não termina. O drama se repete no interior. Na pequena Ibatiba, o prédio do novo Ifes foi inaugurado em 2010, mas a obra não acabou. Quase toda a estrutura está sem o forro de gesso no teto, expondo a fiação. Além disso, laboratórios e biblioteca ainda não estão funcionando. Os equipamentos foram comprados, mas permanecem encaixotados, à espera do fim da obra.

**IMPROVISO**

Nem a rede de energia foi instalada. Foi necessário improvisar para que as aulas do curso Técnico em Meio Ambiente começassem, neste ano, com três turmas compartilhando uma mesma sala de aula em turnos diferentes. “A obra era para maio de 2010, mas a empreiteira só retomou as atividades há alguns dias”, explicou Flávio Pena, diretor geral do campus Ibatiba.

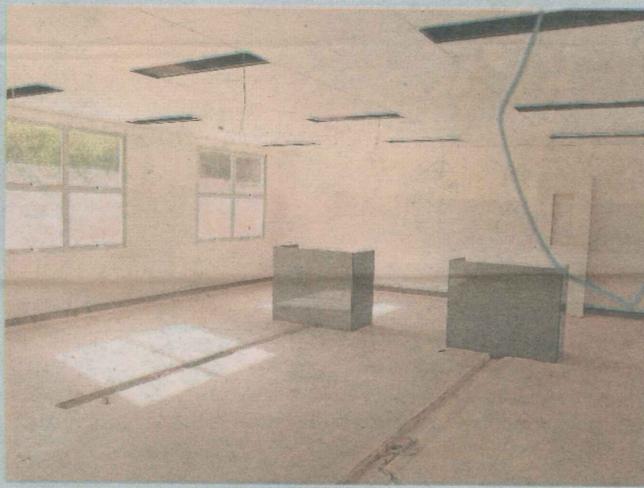
A perspectiva é que cada novo Ifes comporte até 1,2 mil alunos, com 60 professores e 45 técnicos administrativos. As obras custam de R\$ 3,5 milhões a R\$ 4 milhões; e

**ONDE ESTÃO OS PROBLEMAS**



**Em Ibatiba falta tudo**

A obra não acabou. Uma única sala de aula é usada pelas três turmas, em turnos pela manhã, à tarde e à noite. São 120 alunos, onde cabem 1,2 mil. E ainda falta concluir a obra e montar os laboratórios e a biblioteca.



**Vitória**

▼ **Sobrecarga**

Faltam salas de aula, devido ao número de alunos (até os de Vila Velha têm aula na Capital) e de mais cursos

**Serra**

▼ **Educação Física**

Falta área para a prática de esportes

**Cariacica**

▼ **Atraso**

A obra do prédio já dura mais de três anos. Apenas o setor administrativo está no local. Os alunos têm aula em uma antiga escola da prefeitura, em condições precárias: sem estrutura física ou laboratórios adequados

**Vila Velha**

▼ **Só falta funcionar**

O prédio foi inaugurado, há mais de um ano, e continua sem funcionar.

Os alunos estudam na sede, em Vitória

**Guarapari**

▼ **Em licitação**

A construção do 3º andar do prédio está em fase de licitação. Os laboratórios receberam os equipamentos, mas falta treinar professores

**Aracruz**

▼ **Obras paradas**

As obras, que começaram há três anos, estão paradas porque a empresa desistiu. Terá nova licitação

**Linhares**

▼ **Em ampliação**

O prédio está sendo ampliado e os alunos estudam em meio à reforma

**São Mateus**

▼ **Situação precária**

A obra está parada – a empreiteira desistiu – e uma nova licitação será

feita. Os alunos dos cursos de mecânica e Eletrotécnica estudam em bairros diferentes. A falta de professores impediu a abertura de turma de Mecânica no 2º semestre de 2011

**Nova Venécia**

▼ **Sem laboratório**

Não há laboratórios funcionando para nenhum curso; o prédio conta com salas improvisadas. Faltam banheiros e professores

**Piúma**

▼ **Aulas em anexo**

O prédio ainda não foi concluído, apesar dos dois anos de obra. Os alunos têm aulas em salas improvisadas, que funcionam em um anexo

**Cachoeiro**

▼ **Sem pessoal**

Faltam professores em alguns cursos ofertados

**PREOCUPAÇÃO**

“Respeito a expansão, mas me preocupo como vem sendo feita. O receio é do IFES ter a qualidade do ensino comprometida”

**REGINALDO FLEXA NUNES**, professor de História e coordenador geral do Sinasefe-Ifes

deveriam ser entregues em um ano, mas atrasaram.

Os campi devem oferecer cursos técnicos de ensino médio e de formação de professores, entre outros modelos de ensino superior, como os tecnológicos, as engenharias e os mestrados e doutorados.

Por enquanto, poucos cumprem a meta. E a previsão é de que mais três sejam instalados em Barra de São Francisco, Montanha e Santa Maria de Jetibá. Serão 20, ao todo, no Espírito Santo.

**CONCLUSÃO**

Antes de começar novas obras a reitoria do Ifes quer concluir as que estão andamento. O que vale para as unidades de Vila Velha, Ibatiba, Aracruz, Guarapari e Piúma. A primeira, por sinal, sofreu com o abandono das obras por parte da empreiteira.

“Passamos por um aperto com a suspensão de novos investimentos e concursos. Agora, tudo está resolvido, e teremos mais contratações e a continuidade das obras”, garante o reitor Denio.

**Diferença salarial de R\$ 1 mil**

“Outro problema gerado no processo de expansão dos institutos federais é o regime salarial diferenciado para novos funcionários. Em geral, quem foi contratado depois de 2008 ganha R\$ 1 mil a menos em relação a quem já trabalhava na instituição.”

“Dentro do mercado da engenharia, que tem uma demanda crescente e com salários altos para os iniciantes, fica difícil segurar bons profissionais. O que interfere, diretamente, na qualidade da educação”, frisa Reginaldo Flexa Nunes, coordenador geral do Sinasefe-IFES.

Em geral, a diferença salarial varia até 30%, independente da titulação do professor. “Não há mais aquela progressão natural de quando um professor aumenta a titulação para mestre ou doutor. O reajuste é muito pequeno; só vale, mesmo, depois de mais de 10 anos de trabalho”, explica Nunes.

Esse é o principal motivo que levou professores e servidores a entrar em greve, no último dia 5. Além disso, nem todos recebem o auxílio transporte. Há casos, como em Nova Venécia, de profissionais que gastam até R\$ 600, por mês, e não recebem o repasse federal, que só cobre viagens de ônibus.